

Hemisfério de encantarias

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Num balanço cinéfilo do primeiro semestre de 2026, o Correio da Manhã lista as dez estreias que mais surpreenderam o circuito de janeiro a junho

Nos próximos seis meses e meio, você vai ouvir falar aos montes em “Fjord”, que, rendeu ao romeno Cristian Mungiu sua segunda Palma de Ouro, da mesma forma como, a partir do dia 16 deste mês, “Odisseia”, de Christopher Nolan, não sairá do seu redor, na triagem das pepitas de 2026, nas telas. Por que ambos não estão citados na lista que você encontra nestas páginas do Correio da Manhã, dedicadas ao melhor do primeiro semestre? Por que ambos não entraram em cartaz ainda.

Julho nos deu de presente uma produção turca magistral, que veio laureada com o Grande Prêmio do Júri da Berlinale: “Salvação”, de Emin Alper. Ela vai ganhar um lugar de honra aqui, pois pertence às estreias do mês sete. Sua trama nos leva a uma aldeia remota nas montanhas da Turquia, onde o regresso de um clã exilado reacende uma disputa por terras que se arrasta há décadas. Enquanto antigos ressentimentos voltam à superfície, Mesut (Caner Cindoruk), irmão do líder local, passa a ser atormentado por visões perturbadoras, às vésperas de se tornar pai. Com a certeza de que se tratam de avisos divinos sobre o Demônio, Mesut desafia as autoridades e insurge à frente de uma rebelião armada. O que se vê aí é um debate rico sobre manipulação da lucidez por malversações da fé e sobre intolerância. Imperdível!

Antes de recebermos essa fina flor de Alper, nossos foram contemplados com muita coisa boa de janeiro a junho. A seleção a seguir resume o que se viu de mais vigoroso em nosso circuito nesse período. Vale um adendo: o magistral “Tardes de Solidão” (“Tardes de Soledad”), que foi contemplado com a Concha de Ouro do Festival de San Sebastián de 2024 e esbanja virtudes para integrar este coletivo, só chegou até nós via streaming. O estudo do catalão Albert Serra sobre o rito da tourada, com foco em práticas machistas e debates sobre virilidade, dá aula de direção, mas não encontrou eco em nossas redes exibidoras. Está na plataforma MUBI. E brilha.

Não estranhe sua ausência e confira as escolhas do Correio, antes de fazer o seu panteão:



Dia D

Universal Pictures



Alpha

Mubi



A Fúria

Divulgação



Uma Infância Alemã

DIA D (“Disclosure Day”), de Steven Spielberg (EUA): O melhor filme do primeiro semestre é assinado por um jovem de 79 anos. Amem-na ou odeiem-na, sua narrativa provoca, inquieta. Suas plateias

racharem em inflamados debates, que vão das fake news à dimensão filosófica da Ufologia, e, no quebrapau, transformaram o regresso do diretor de “Tubarão” (1975) às telas numa coqueluche cinéfila do mo-

mento. Num dado momento de sua trama, o vilão arrepiante (mas humanizado) vivido por Colin Firth, Scanlon, fala que a realidade sobre a presença de óvnis entre nós “é um vírus contra o qual a Humanidade

não tem anticorpos”. A organização que ele lidera, a Wardex, quer manter o planeta na caverna do desconhecimento. Mas um time formado pela apresentadora do tempo Margaret Fairchild (Emily Blunt), o especialista em computação Daniel Kellner (Josh O’Connor, enfim eficaz) e o ativista do livre conhecimento (o tal “disclosure” do título original) Hugo Wakefield (Colman Domingo) vai desafiar a vontade do status quo... do Poder. As sequências de fugam tornam o roer de unhas uma praxe.

ALPHA, de Julia Ducournau (França): Cinco anos depois de ganhar a Palma de Ouro de Cannes com “Titane”, esta realizadora voltou a rachar sentidos, num jorro imagético devastador. Mélissa Boros interpreta a personagem-título, uma adolescente de 13 anos que